

Representação e gênero em *Eles não usam Black-Tie* (1958)

¹CAMILLA NOBRE SANTANA, ²

SANDRA MARIA PERREIRA DO SACRAMENTO¹

Resumo: O projeto *Análise da Representação Feminina na obra Eles Não Usam Black-Tie* analisou a representação feminina na obra *Eles não usam Black-tie* (1958), do escritor italiano Gianfrancesco Sigrifido Benedetto Marinenghi de Guarnieri. A peça situa-se numa favela, nos anos 1950, e tem como enredo a greve sindicalista. A partir desse contexto, analisou-se a personagem Maria, uma mulher da classe operária, que luta pelos seus direitos, por justiça e melhoria de vida. Tal comportamento a faz distanciar-se de seu marido, uma vez que opta por não abandonar sua comunidade, mesmo grávida. Essa nova forma de teatro, voltada para uma estética de esquerda e com discussões sobre a realidade do país, chamou a atenção de vários segmentos da sociedade, até mesmo por uma busca de uma identidade nacional. Isto porque, personagens como mulheres que cuidavam da casa, trabalhavam e operários em greve, por exemplo, não haviam sido protagonistas de uma peça teatral até então. As camadas populares foram representadas e valorizadas pela primeira vez nesse tipo de linguagem cultural. A metodologia desdobrou-se em várias etapas, tendo como suporte teórico dos estudos de gênero (DUARTE, 2002); (DIAS, 2003); (ORTIZ, 2008) e de identidade (HALL, 2008); (TORRES, 2003) e (FAGUNDES, 2003). A partir disto, constatou-se que a mulher na obra *Eles não usam black-tie*, ao posicionar-se por uma ideologia, assume papéis e funções na sociedade que foram além da reprodução e das atividades domésticas atribuídas, sobretudo, a ela.

Palavras-Chave: Representação feminina; Teatro de Arena; Ideologia; Gênero; Identidade.

1. Introdução

O tema estudado centrou-se na análise da representação feminina na obra *Eles não usam Black-tie* de Gianfrancesco Guarnieri. Esse texto teatral de Guarnieri causou um alento novo ao teatro brasileiro. Numa atitude quase de provocação, a peça conta a história de operários do Rio de Janeiro em meio a uma greve sindicalista. Além de colocar em cena o tema sobre a vida dos operários e sua rotina de trabalho, Guarnieri ainda mostra os personagens femininos, de forma a contrapor o sistema em vigor da época, de como uma moça e/ou mulher deveria se comportar perante a sociedade do Rio de Janeiro na década dos anos dourados.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Para tal análise, fez-se necessário entender como funcionava o mecanismo da educação feminina da década de 50. Foi possível, a partir da autora Carla Bassanezi, em seu capítulo *Mulheres nos anos dourados*, que está inserido no livro *História das mulheres no Brasil*, a

¹ ¹ Discente do Curso de Letras do DLA/UDESC, bolsista de Iniciação Científica do programa CNPQ 2010/2011, e-mail: camillanobres@hotmail.com. ² Docente, orientadora da pesquisa, professora titular em Teoria da Literatura (UESC/DLA). Doutora em Letras Vernáculas - Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: sandramsacra@uesc.br

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

interpretação de como a mulher era representada pelos meios de comunicação nesse dado momento histórico. O rádio, as revistas e jornais para moças eram literaturas à parte, ou seja, existiam exemplares para moças, no caso dos jornais e revistas e, momentos apropriados para elas no rádio. Logo, os meios de instrução de moços e moças tendiam a confirmar o posicionamento da sociedade do que pertencia ao homem e à mulher, construindo assim a formação da sociedade dessa década.

Em contrapartida, os textos teatrais na década de 1950 são marcados pela preocupação com as questões sociais e políticas, utilizando assim a forma artística do teatro para contrapor o sistema. Diversos grupos de teatro encaram essa arte como ferramenta política capaz de contribuir para mudanças na realidade brasileira, uma vez que, a representação de textos como esse, de caráter político social, faz com que o expectador consiga ver no ator características suas, situações que ele passa no dia a dia, refletindo de forma mais ativa sobre o seu estar no mundo enquanto sujeito social.

O teatro de Gianfrancesco Guarnieri é como um grito parado no ar, nome também de sua biografia, ou seja, é um grito de protesto que é feito por Guarnieri e que ecoa pelo ar, na tentativa de atingir a todos que a ele possa escutar. Esse protesto se configura por ser contra a apatia, o conformismo, o comodismo egoísta dos bem-pensantes e dos mal intencionados, através da denúncia social.

Por isso, o objeto de estudo da pesquisa foi analisar a representação feminina na sociedade brasileira da década de 1950, a partir do texto *Eles não usam Black-tie*, de Guarnieri, na tentativa de evidenciar de que modo as identidades de gênero feminino, em foco, se contrapõem ao ideal histórico de mulher, sendo o foco da análise a personagem Maria, ou seja, analisar a forma que Guarnieri desenha esse personagem feminino, visando perceber que o inconformismo do autor esta também ligado a representação feminina na sociedade.

Logo, percebe-se que, com as iniciativas do teatro político de Guarnieri, a mulher também por ele representada, sai do foco do que era suscitado pela sociedade em busca de um novo rumo social. Portanto, o objeto de estudo desse artigo é o personagem Maria e sua representação na sociedade da década de 50, onde busca-se confirmar que esse personagem é posto em outro cenário social do que era já estabelecida a mulher daquela época.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

2. Material e Métodos (ou Procedimentos Metodológicos)

A metodologia foi baseada na análise bibliográfica, que está contida na referência, a fim de que se possa observar a evolução da condição feminina resultante de processos históricos. O tipo de análise foi quantitativa, já que esta pesquisa não visa fins estatísticos.

Algumas perguntas serviram de base para a pesquisa: como uma mulher grávida, pobre, moradora da favela, da década de 1950 pôde impor de forma tão clara e firme sua opinião que se contrapõe, a todo tempo, à de seu futuro esposo, já que nessa sociedade esse posicionamento não era comum e esperado para uma mulher? Esta é a mulher analisada pelo projeto dentro da peça “Eles não usam Black-Tie”, que tem como autor Gianfrancesco Guarnieri.

Para buscar as respostas a essas indagações, o projeto teve um campo teórico com a finalidade de expor as causas e as consequências e, também, apontou um provável caminho para essa pesquisa, a partir de leituras, fichamentos, resumos, entrega de relatório parcial da pesquisa e produção do relatório final, que irá culminar em um artigo.

3. Resultado e discussões

Carla Bassanezi em seu texto, *Mulheres nos anos dourados* do livro *História das mulheres no Brasil* (2001), conta a partir de um teste retirado da revista *Jornal das moças*, no qual mostra a mentalidade da mulher dos anos 50 “de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposas e mães...” (BASSANEZI, 2001, p. 607). Mostra que a atitude mais sensata para uma mulher que descobre que está sendo traída é tentar reconquistar seu marido, que é adúltero, e fingir que nada aconteceu.

No entanto, isso não é algo surpreendente, pois tais mulheres são “herdeiras” da tradição, em que as mulheres têm que ser boas donas de casa, esposas e mães. Afinal, para que o casamento fosse satisfatório, para o homem, e para que a família fosse feliz, a mulher deveria se “esforçar” para manter a família unida, como se fosse um dever apenas da mulher, colocando assim a aparência de uma família feliz inversa ao que acontecia em sociedade.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

As revistas possuíam grande influência no imaginário das moças da época, eram elas: O *jornal das moças* e *O Cruzeiro*. Essas demonstravam a má influência do cinema, do rock e dos bailes de carnaval, pois tais movimentos permitiam que a mulher possuísse domínio do seu corpo, fazendo dele o que realmente fosse do seu desejo, como dançar, beijar, claro que essa era a menor nota das revistas, pois o que de fato o que essas revistas incentivavam era “... as fitas que ressaltassem bons costumes e personagens bem comportados circulando em lugares bem freqüentados.” (PRIORE, 2006, p. 305).

A leitura da época era para a mulher a literatura cor-de-rosa e para o homem um aprendizado do prazer. Nas historias femininas, a heroína era linda, bem educada e cheia de candura, o rapaz um lorde, viril e sedutor. “O herói e a heroína eram sempre belos e perfeitos” (PRIORE, 2006, p. 306). Esse padrão de beleza já vinha desde o início do século e continuava a ser valorizado, uma vez que os romances cristalizavam os pensamentos já instaurados na sociedade de como o homem e a mulher deviam se comportar, e as mulheres, que fugissem a esse padrão, eram tidas como doidivas e nenhum rapaz gostaria de se casar com ela, que poderiam ser apontadas na rua por esse nome.

Os anos cinquenta foi também um período de mudanças socioeconômicas, em que o mundo acabara de sair da Segunda Guerra Mundial e, com isso, o Brasil ansiava cheio de esperança por mudanças e crescimento industrial. E, com esse crescimento, ampliaram-se a informação, o lazer e também o consumo. O relacionamento entre homens e mulheres também passou por mudanças devido às novas condições de vida nas cidades. Mas o papel do homem como o “chefe da casa” ainda era preservado assim como o trabalho da mulher era menos prezado pela sociedade. “Na família perfeita-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos.” (BASSANEZI, 2001, p. 608).

Em contrapartida, ao analisar o discurso veiculado por uma das personagens femininas da obra *Eles não Usam Black-tie*, percebe-se que Maria, esse é o seu nome, se mostra indiferente a esse modelo imposto pela sociedade. Essa personagem é companheira de Tião, um dos protagonistas, nasceu e se criou no morro, onde se passa o drama. Uma moça simples, leal ao seu meio, que sonha com uma vida melhor, mas deseja também que isso aconteça junto aos

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

seus e com um bom resultado da greve.

[...]

“Maria (abraça Tião fortemente) - Tião, não te mete em encrenca amanhã!

Tião - Que encrenca?!

Maria – Não sei. Não te mete em encrenca!

Tião - Não tem susto!

Maria – Pensa na turma, Tião. Aqui todo mundo te qué bem. E eu mais do que ninguém...

Tião – Tá preocupada com quê?

Maria - Com ocê! Por que quando fala em greve tu te aborrece...

Tião – Não pensa nisso. Não é assunto em que mulhé se mete...

Maria - É sim!... O eu é que tu tem medo...

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Tião – Medo! Tu também me vem falá em medo? Medo de nada! Quero é viver bem com océ... Só! Greve me aborrece porque sempre dá bolo, a gente pode perdê o emprego... Ah! Não pensa nisso... O que eu fizé é pra nosso bem! Maria – Não te mete em encrenca!”

[...]

(GUARNIERI, 2010, P. 72).

Quando Maria pede para Tião não se meter em encrenca, essa “encrenca” que ela coloca é justamente o oposto do que nos leva a pensar essa passagem do texto, pois, para ela, “não se meter em encrenca” significa não abandonar os amigos na luta sindicalista em prol dos seus interesses individuais. Seu futuro esposo, Tião, entretanto, não deseja o mesmo.

Ele teme a greve, pois não acredita que possa haver um resultado benéfico para sua classe; com isso, passa a pensar mais nele do que em seus companheiros, inclusive existe uma série de conflitos com seu pai Otávio por esse motivo, já que este é um dos líderes das greves.

“Assim, a atividade masculina e externa surge em correlação direta com a atividade feminina e doméstica. Quanto menor e menos rentável esta última, maior e mais produtiva a primeira.”

(DUARTE, 2002, p. 25). Por isso, Tião julga ser melhor Maria não opinar em suas decisões, afinal, esse era o pensamento das pessoas em relação ao trabalho masculino e feminino, mas a partir das atitudes de Maria, ao decorrer do texto, é nítido um desejo de mudança.

Pode-se comprovar essa contraposição de Maria quando, em um diálogo com o seu marido Tião, ela decide não abandonar o morro, onde morou toda sua vida.

[...]

“Maria - Quer dizê que tu perdeu os amigos?

Tião – Sobraram alguns! Teu irmão , alguns da fábrica...

Maria (abanando a cabeça, profundamente triste) – Não... não...

Tião – Nós vamos casa, vamos embora, faze uma vida pra gente. Isso que aconteceu...

Maria – Não... não tá certo...Deixá isso, não ta certo!...

Tião – Não te preocupa, dengosa, vai dá tudo certo. Nós vamos pra cidade, só isso!... Eu fiz uma coisa que me deu o desprezo do pessoal, mas você não. Você não tem o desprezo de ninguém!...

Maria – (cai num choro compulsivo) – Não não ta certo!

Tião – Maria, não tinha outro jeito, querida. Eu tinha que pensar ... A greve deu certo como podia não dar... E tudo aconteceu na última hora... Quando eu

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

cheguei na fábrica a maioria queria entrá. [...]

Maria – (sempre chorando) – Não ta certo!... Deixa isso, não ta certo, deixa isso... (perde as forças e cai no chorando copiosamente.)

Tião – Mariinha, escuta! Eu fiz por você, minha dengosa! Eu quero bem! Eu tinha... eu tinha que dá um jeito... O jeito foi esse.

Maria – Deixá o morro, não! Nós vamo sê infeliz! A nossa gente é essa! Você se sujou!... Compreende!

Tião – é que eu quero bem! ... Mas não foi por covardia!

Maria (idem) – foi... foi... foi... foi por covardia... foi !

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Tião (aflito) – Maria escuta! ... (A Romana) Mãe, ajuda aqui! (Romana não se mexe)... Eu não tive... Eu não tive...
Maria - Medo, medo, medo da vida... você teve! ... preferiu briga com todo mundo, preferiu o desprezo... Porque teve medo! ... você num acredita em nada, só em você. Você é um convencido!
[...]
(GUARNIERI, 2010, P. 104).

A partir desse fragmento, nota-se que, ao contrário do seu esposo, Maria era a favor da greve, pensava no seu direito, enquanto direito coletivo, por isso, não tinha planos de morar fora do morro e via seu esposo como covarde. Tais atitudes não competiam à mulher e sim ao homem. “Na família perfeita-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos.” (BASSANEZI, 2001, p. 608).

Encerra-se o texto dramaturgico, confirmando assim os objetivos da pesquisa, que Maria, de fato, sai dos padrões impostos, idolatrados e reafirmados a todo o momento pela sociedade da década de 1950.

[...]
“Maria (para de chorar, enxuga as lágrimas) – Então vai embora... Eu fico. Eu fico com Otavinho... **nosso filho**. Crescendo aqui ele não vai te medo... E quando tu acredita na gente... por favor... volta! (Sai.)”
[...]
(GUARNIERI, 2010, P. 107, grifo meu).

Tião segue sua vida no centro da cidade e Maria continua no morro criando o seu filho, que foi gerado antes do casamento, no momento ainda do namoro, ato também desprezado pela sociedade dos anos dourados, ou seja, outro indicio de que essa personagem não segue os padrões da sociedade e mesmo não os seguindo não é julgada como muitas mulheres da época. A mulher nos anos dourados que permitisse ser tocada antes do compromisso, que era o casamento, era esquecida pelos homens, perdendo o valor perante a sociedade, que acreditava que a mulher tinha o dever de se resguardar para o marido até o casamento.

O noivado era o período de preparativos e também dava mais seriedade à relação e com

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

isso também alguns avanços na intimidade, mas “cabia especialmente à jovem reffrear as tentativas desesperadas do rapaz, conservando-se virgem para entrar de branco na igreja”. (PRIORE, 2006, p. 304). Ainda sim cabe à moça saber acalmar a situação e se respeitar, afinal, o moço era quem tinha os impulsos à procura de prazer e cabia a ela ser sempre contida e saber dizer não quando o rapaz tentasse ultrapassar os limites.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Portanto, o personagem Maria, da peça *Eles não usam Black-Tie* se difere das mulheres da sua época, uma vez que está inserida no Teatro de Arena, modalidade de teatro político da época, que tinha por objetivo uma manifestação social e não só artística. Logo, tal personagem se posiciona na sociedade de forma contrária ao esperado, engravida antes do casamento, trabalha, não teme o marido, se opõe a ele e decide ter seu filho sem marido, já que ele deseja sair do morro, abandonar os amigos etc. Afinal, Tião não é mais aceito entre os seus, inclusive por seu pai, porque traiu a greve em benefício individual, por tais motivos Maria segue sua vida de forma independente.

4. Considerações finais

As observações feitas, a partir de leituras do material teórico mostrado na referência bibliográfica, apontam para o fato de que a mulher dos anos 50 do século XX era subserviente total aos homens, sejam eles pais ou maridos, essas mulheres tinham o dever de priorizar aquilo que fosse estabelecido pela sociedade, acerca de como “ser uma mulher”.

Tal comportamento não se repete em relação às personagens femininas da peça *Eles não usam Black-tie*, em especial, com a personagem Maria, como foi mostrado através de passagens do livro, que essa personagem não seguia todos os mandamentos de como ser uma mulher ideal para aquela época.

Esta mulher ao decorrer da história da peça se posiciona de forma oposta ao que é esperado pela sociedade conservadora dos anos dourados, 1950. Maria engravida ainda na fase do namoro, trabalha para ganhar seu próprio dinheiro pelo desejo de ser independente, ela também incentiva o marido a participar da greve sindicalista junto com os seus amigos do morro onde residem, e ela ainda se opõe ao seu marido, pois ele é contra a greve e ela a favor, com isso é estabelecido um conflito entre o casal.

Tal conflito culmina no momento em que o futuro marido abandona a greve e ela se revolta contra ele, pois se mantém firme ao favor da greve sindicalista, e por fim decide criar o seu filho sozinha, uma vez que, Tião seu marido, decide ir embora do morro. Essa atitude

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

tomada por Maria é o ponto mais destoante dessa personagem em relação as mulheres daquela época, pois como já foi citado anteriormente a mulher da década de 50 era programada para o casamento, para o lar, o marido e os filhos.

Já o personagem analisado, Maria, não se preocupa com o fato de criar seu filho sozinha e manter o seu lar, para ela o compromisso sindicalista estava acima de tudo e ela não

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

se sentia capaz de abandonar o seu povo e sua luta para tentar uma vida melhor, ou seja, o pensamento coletivo estava acima do individual, diferentemente do seu marido.

Portanto, com isso, a hipótese, colocada no projeto, vai se confirmando, tanto teoricamente, quanto no plano artístico, isto é, de que o espaço doméstico, com os seus afazeres, era “próprio” do feminino. Não restando a essa conduzir sua vida a partir de sua vontade e que o personagem Maria de Guarnieri vem justamente para se comportar de forma diferente na sociedade.

Referência

- ALVES, B.M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BASSANEZI, C. Mulheres nos anos dourados. In: Mary Del Priore. (Trad.). **Historia das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2001.p. 607-637.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. BRANT, A. (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- DUARTE, E. A. Feminismo e Desconstrução. Anotações para um possível percurso. IN: Duarte, C. L. (org.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- DIAS, M. R. C. Por uma compreensão do conceito de gênero. In: Tereza Cristina pereira carvalho Fagundes. (ORG.). **Ensaio sobre Identidade e gênero**. Salvador: Helvécia. 2003.
- FAGUNDES, T C. P. C. Identidade feminina uma construção histórico-cultural. In: Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes. (Org.). **Ensaio sobre Identidade e gênero**. Salvador: Helvécia. 2003.
- FONSECA, O. Ser mulher, mãe e pobre. In: **História das mulheres no Brasil**. PRIORE, E. M. D.(org.). São Paulo: Contexto, 2007. P. 513.
- HALL, S.**Da diáspora: identidade e mediações culturais**. RESENDE, A.L. G;ESCOSTEGUY, A.C; ALVARES, C; RUDIGER, F; AMARAL, S. (Trad.). Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2008.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**, Petrópolis: Editora vozes, 2003. MACEDO, J.M. de **Teatro completo 1**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1979. MAGALDI, S. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 2004.
- MALUF, M. MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: Nicolau Sevcenko. (Org.). **Historia da vida privada no Brasil; 3º ed**. São Paulo: Companhia das letras. 1998.
- MATELLART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. MARCIONILO, M. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. BOTTMANN, D. (Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PRIORE, M. D. **Historia do amor no Brasil; ed. 2**. São Paulo: Contexto. 2006.
- RICHARD, N. **Intervenções críticas: Arte, Cultura, Gênero e Político**. ALTO, R. M. (Trad.). Belo Horizonte. UFMG, 2002.
- TORRES, C. R. V. Sobre gênero e identidade algumas considerações teóricas. In: Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes. (Org.). **Ensaio sobre Identidade e gênero**. Salvador: Helvécia. 2003.